

## **REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NAS RELAÇÕES CONJUGAIS E FAMILIARES: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA**

Renata KERBAUY<sup>1</sup>  
Márcia Barone BARTILOTTI<sup>2</sup>  
Susana SNEIDERMAN<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo traz reflexões sobre o impacto da pandemia de covid-19 nas relações conjugais e familiares, a partir de um levantamento de dados com casais e famílias da região metropolitana de São Paulo, Brasil.

**Palavras-chave:** crise; sofrimento; psicanálise de casal e família; pandemia; intersubjetividade.

**Résumé:** L'article apporte des réflexions sur l'impact de la pandémie de covid-19 sur les relations conjugales et familiales, à partir d'une quête de données auprès des couples et des familles de la région métropolitaine de São Paulo – Brésil.

**Mots-clés :** crise, souffrance ; psychanalyse de couple et de famille ; pandémie ; intersubjectivité.

*“...o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente  
é no meio da travessia.”*

*Guimarães Rosa<sup>4</sup>*

### **I-INTRODUÇÃO**

A pandemia de COVID-19 tem sido caracterizada mundialmente por diversos especialistas como um dos maiores problemas enfrentados pelas populações nas últimas décadas. Desde seu início, tem ocasionado medo, insegurança e instabilidade em todos os aspectos da vida, atingindo todos os seres humanos, sem distinções.

Independentemente de classe social, gênero, raça, nacionalidade, idade, estado civil, entre outros, as fronteiras não puderam deter o contágio, tornando o outro em uma ameaça constante. Frente a esse cenário, caracterizado por inúmeras incertezas, adversidades e

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Psicologia pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales-Uces/Argentina, psicóloga, psicanalista, docente no Instituto Sedes Sapientiae- Brasil, Membro fundador da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família (ABPCF), Membro da Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família (AIPCF), Membro fundadora do Espaço Psicanalítico Llatino-Americano(EPLA).

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia Clínica, psicóloga, psicanalista, docente no Instituto Sedes Sapientiae- Brasil, Coordenadora do Núcleo de Atendimento e Pesquisa da Conjugalidade e Família (NAPC), Membro da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família (ABPCF), Membro da Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família (AIPCF), cofundadora e responsável terapêutica da Falla Saúde Mental.

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales-Uces/Argentina, psicóloga, psicanalista, Diretora do Doutorado em Psicologia-Uces, Diretora Editorial da Revista Subjetividad y Procesos Cognitivos, Pesquisadora em duas Universidades : UCES e Universidade del Salvador-ambas em Buenos Aires-Argentina.

<sup>4</sup> Grande Sertão Veredas, 1956.

complexidades relacionadas à saúde, a capacidade de alcançar um estado de equilíbrio emocional saudável passou a ser um desafio diário para a maioria das pessoas, alterando de maneira profunda a vida cotidiana e as atividades dos sujeitos na pluralidade de seus aspectos.

O distanciamento social, o confinamento, o excesso de informações, a mudança repentina nos hábitos, o perigo iminente de contágio, a vivência de inúmeras perdas e lutos mais complexos e a redução de renda familiar, são alguns exemplos de importantes situações geradoras de altos índices de ansiedade e de angústia em grande parte da população, afetando, sem dúvida, a saúde e a qualidade de vida.

Nesse contexto, podemos dizer que as diversas mudanças e demandas inesperadas, trazidas pela pandemia de COVID-19, e seus impactos sociais e econômicos tornaram-se desestabilizadores do psiquismo, implicando os sujeitos à vivência de uma situação de crise. As crises, geralmente, são eventos imprevisíveis, que requerem, na sua gestão uma grande variedade de objetivos simultâneos, em um contexto em que é necessário haver respostas rápidas para mitigar uma situação. (Riorda.M & Bentolila.S, 2021). Bentolila (2021) reforça que o surgimento de uma crise é inerente à condição humana. A crise de Covid-19, provavelmente, fez dela a palavra do século, algo reconhecido e vivenciado por todos.

Embora as crises geralmente sejam subjetivas, essa situação global envolve a todos e dependerá, justamente, de como nosso psiquismo foi moldado para enfrentar o desafio de manter o equilíbrio entre impulsos, deslocamentos, necessidades e exigências específicas de uma “nova” normalidade. Frente a esse fenômeno sem precedentes, podemos também assinalar que os vínculos conjugais e familiares foram atingidos pela eclosão dessa crise, uma vez que ela trouxe uma experiência de ruptura da continuidade, associada a uma série de transformações abruptas e inesperadas na vida dos casais e na das famílias.

Conseqüentemente, as relações afetivas, sejam elas conjugais e/ou familiares, passaram a conviver com a presença de importantes aspectos estressores, intensificando, assim, a sobrecarga emocional e a vulnerabilidade no funcionamento conjugal e familiar. Em um cenário de crise aguda, terapeutas de casal e de família podem atuar no sentido de fomentar e restabelecer a coesão, a flexibilidade e a comunicação, promovendo um processo de reorganização frente às repercussões da pandemia de COVID-19.

Levando em consideração que as crises podem ser momentos desestabilizadores para os sujeitos, este artigo tem como objetivo abordar e refletir sobre quais foram os impactos da pandemia e seus fenômenos associados nas relações conjugais e familiares, a partir da realização de um levantamento de dados e dos aportes teóricos da psicanálise de casal e família.

## **II - A PANDEMIA COMO UMA SITUAÇÃO DE CRISE**

A partir do enfoque da pandemia, como uma situação de crise para a família, fazem-se necessárias algumas considerações sobre o conceito de crise. Nesse cenário, um bom referencial para a compreensão desses conceitos está nos estudos de Moffatt (1987), baseados na concepção de crise psicológica e nos processos emocionais envolvidos no desencadeamento da crise. Segundo o autor, uma crise é deflagrada quando o indivíduo

se vê confrontado com o impacto do inesperado frente a episódios vivenciados que trazem com eles, sobretudo, transformações quantitativas e qualitativas. De acordo com Moffatt:

Para que uma situação produza uma crise, mais importante que o nível de traumatismo sofrido pelo paciente é o inesperado da situação que lhe é exigido viver. (...) Por isso, se diz que isso ou aquilo não estava previsto; isto é, não estava visto de antemão e quando as circunstâncias nos colocam dentro de um personagem que nunca tínhamos antecipado - o de órfão, viúvo, adulto, culpado, enfermo, etc - pode sobrevir o desacerto, a crise (Moffatt, 1987, p. 14).

A situação de crise, como uma experiência de ruptura na continuidade, também é evidenciada em outros relatos sobre o tema. Para Thom (1980), a crise é definida como “*uma perturbação dos mecanismos de regulação temporária de um indivíduo ou de um conjunto de indivíduos*” (apud Ruiz- Correa, 2008; p. 25). Outra abordagem importante que norteia a concepção desses conceitos se localiza nos referenciais teóricos da psicanálise. Em “Trauma Familiar e Crise”, Meyer (2007), apoiado nas concepções de Tutté (2004), refere a ideia de crise como “*uma conjuntura aflitiva*”, guarda certa semelhança com o conceito de “*situação traumática*” (2004, p.165).

Nesse contexto, uma situação de crise pode ser entendida em termos de um acontecimento gerador de angústia e de sofrimento, desequilíbrio e instabilidade, forçando o psiquismo a buscar um sentido para o que está ocorrendo. A questão deste trabalho é, então, pensar nos casais e nas famílias atravessados pela pandemia, e diante da necessidade de enfrentar uma situação de crise capaz de mobilizar seus membros e de dificultar a elaboração dos sofrimentos e vulnerabilidades que, geralmente, são desencadeados.

Nesses casos, portanto, cabe-nos encontrar dispositivos clínicos psicanalítico de atendimento conjugal familiar, capazes de constituir e possibilitar um espaço de continência e elaboração. Para tanto, é necessário um analista que se ocupe da escuta. É dessa escuta - e do acolhimento empático por parte desse profissional- que surge a possibilidade de um contorno à situação crítica, bem como a ampliação da possibilidade do casal e/ou da família de se adaptarem a uma nova situação configurada a partir das circunstâncias.

Embora não seja possível prever por quanto tempo enfrentaremos o coronavírus, será útil ofertarmos trabalhos clínicos capazes de transformar a vivência da crise em novas possibilidades e recursos e, assim, favorecer que seja um período, também, de descobertas, de aprendizados e de novas formas de vínculos conjugais e familiares.

### **III - O SOFRIMENTO COMPARTILHADO**

O sofrimento psíquico pode ser caracterizado como um estado de aflição severa, associado a acontecimentos que ameaçam a integridade de uma pessoa. Sofrimento exige consciência de si, envolve as emoções, tem efeito nas relações interpessoais e corporais. Essa multiplicidade de anseios, tristeza, dores e frustrações causa usualmente desânimo, sensação de impotência diante da própria vida e daquilo que lhe confere sentido.

Na abordagem psicanalítica, Freud trouxe importante entendimento do sofrimento em seu texto “O mal-estar da civilização”, datado em 1929. Nesse trabalho, o autor não só frisa o caráter singular das relações sociais, mas se concentra no mal-estar que elas implicam. Discorre, também, sobre três modos pelos quais o sofrimento nos ameaça: a partir do próprio corpo, condenado à decadência e ao aniquilamento a partir do mundo exterior, capaz de atentar contra nós com forças destrutíveis, onipotentes e implacáveis, e a partir das relações com os outros seres humanos. Ao lado dessas observações, Freud ainda assinala uma última fonte de sofrimento para a humanidade, a qual considera como a mais dolorosa: “(...) *a insuficiência dos nossos métodos para regular as relações humanas na família, no Estado e na sociedade*” (Freud, 1929, p.303).

Tendo como base essas formulações iniciais de Freud acerca do sofrimento, cabe-nos considerar como essa questão é discutida no cenário atual da psicanálise de casal e família. Em seu arcabouço teórico, o aparelho psíquico grupal é um dos conceitos fundamentais, em que a pluralidade faz parte da subjetividade de cada membro da família. Dessa forma, o sofrimento psíquico familiar pode ser expresso pela totalidade de seus membros ou tendo apenas um deles como porta-voz, com uma sintomatologia ruidosa ou ambígua, com diferentes graus de gravidade (Kaës, 1997). Outro ponto a ser destacado ao conceito de aparelho psíquico diz respeito à sua função de articular os organizadores intrapsíquicos e os socioculturais nos processos grupais, com uma tríplice função de contato, transmissão e transformação (Kaës, 2017).

É importante, assim, considerarmos o impacto do ambiente na formação e no desenvolvimento da vida psíquica dos sujeitos, temática também privilegiada nos estudos de Winnicott (1965). A partir da articulação dos pressupostos, área transicional e espaço cultural, o autor propõe a reflexão sobre a relação entre mundo interno e mundo externo, entre a experiência da ilusão e a realidade psíquica, e a realidade externa, entre aquilo que se herda e aquilo que se encontra e cria. Ou seja, há uma importante e constante interação entre sujeito e ambiente, indivíduo e grupo pertencente, indivíduo e cultura.

Assim sendo, podemos considerar a pandemia, como uma situação de crise e, portanto, com importante impacto na subjetividade e na intersubjetividade dos sujeitos, uma problemática do encontro entre a realidade psíquica e o mal-estar social, uma vez que para a psicanálise de casal e família, a realidade social também pertence à realidade psíquica grupal. Nesse contexto, cabe-nos assinalar que uma situação como a pandemia, compreendida como uma de crise, é capaz de desencadear uma vulnerabilidade radical, exigindo, assim, um intenso trabalho psíquico de todos, uma vez que o contexto social se torna incoerente e incompreensível. A sensação de pertencimento é estilhaçada devido ao medo e à intensa angústia, aumentando o nível de defesa frente à realidade imposta. Nesse cenário, o sofrimento é compartilhado entre os membros do casal e do grupo familiar.

## **VI - LEVANTAMENTO DE DADOS: NOSSO ESTUDO**

Foi elaborada uma pequena pesquisa realizada com um questionário semiestruturado, constando de quatro questões abertas. Participaram 30 indivíduos (08 homens e 22 mulheres), com terceiro grau completo, casados e com idades entre 30 e 50 anos residentes da cidade de São Paulo (Brasil), região oeste. O questionário foi composto pelas seguintes questões:

- 1- O que mais impactou sua relação conjugal durante a pandemia?
- 2- Quais foram as maiores dificuldades familiares durante esse período de isolamento?
- 3- Quais os sentimentos mais intensos revelados no grupo familiar neste período?
- 4- Como o casal e ou família buscou resolver os conflitos? Buscaram ajuda profissional?

Buscamos, nas respostas dos participantes, elementos para identificar e entender os dilemas que alguns casais e famílias estão vivenciando em torno do impacto desencadeado pela crise da pandemia nas suas relações vinculares.

## V- RESULTADOS OBTIDOS:

Os resultados, das respostas levantadas no questionário, estão apresentados em forma de tabelas referentes às porcentagens das similitudes encontradas, em ordem crescente.

Tabela 1:

Impactos na relação conjugal	Porcentagem
Hiperconvivência (conflitos)	35%
Distanciamento afetivo	32%
Problemas financeiros	23%
Diminuição da libido	10%

Em 35% dos entrevistados, a hiperconvivência foi a maior geradora dos conflitos. Muitos casais nunca ficaram tanto tempo juntos no cotidiano e compartilhar o mesmo espaço físico gerou conflitos. No que se refere ao distanciamento afetivo, em 32% dos entrevistados, a resposta foi afirmativa e associada a redução de momentos de carícia e de privacidade do casal. Outra questão levantada como geradora de conflito foi sobre as dificuldades financeiras. Muitos se depararam com a redução salarial ou o desemprego, o que ocasionou desentendimento e uma nova reorganização financeira familiar. Por fim, a diminuição da libido foi outro fator desencadeador dos conflitos conjugais, justificada pelas sensações de cansaço, de estresse, de ansiedade e de angústia, aspectos considerados importantes para a falta de desejo e de prazer.

Tabela 2:

Dificuldade familiar	Porcentagem
Problemas na comunicação	40%
Falta de privacidade	22%

Sobrecarga de afazeres domésticos, dificuldade de distribuição das tarefas e de contribuição entre os membros da família.	38%
---	-----

Entre as questões sobre as maiores dificuldades familiares encontradas nesse período, a pesquisa revelou que 40% das respostas foram relacionadas aos problemas de comunicação na dinâmica familiar. A alta frequência do uso de aparelhos tecnológicos, (computador e celular) por cada membro da família, foi associada à percepção de isolamento entre as pessoas.

Entre os motivos de grande dificuldade e conflitos nas relações familiares, 38% dos entrevistados relataram desentendimentos relacionados aos afazeres domésticos, falta de empatia e sobrecarga para um dos membros da família ou do casal. O desconforto frente à falta de privacidade, a divisão do mesmo ambiente por dias consecutivos e, conseqüentemente, uma maior dificuldade para momentos individuais e de distração, foram aspectos relatados como geradores de irritabilidade e de conflitos por 22% dos entrevistados.

Tabela 3:

Sentimentos familiares	Porcentagem
Medo	38%
Raiva	22%
Agressividade	21%
Solidariedade	19%

Quanto aos sentimentos, 38% dos entrevistados fizeram referência ao medo de serem infectados ou terem um membro da família infectado, bem como ao medo de morrer ou perder um ente querido, aspectos indicadores de significativa angústia de morte. O sentimento de raiva foi evidenciado em 22% dos participantes e relacionado às privações, frustrações e ao inconformismo com o desamparo do governo federal e à falta de perspectiva do fim da pandemia. A agressividade foi outro sentimento relatado por 21% dos entrevistados e associada à presença de agressões verbais em decorrência da falta de paciência e da irritabilidade. Por fim, foi observado, em 19% dos entrevistados, o sentimento de solidariedade, relacionado à aproximação conjugal e familiar e à participação em causas sociais.

Tabela 4:

Resolução dos conflitos	Porcentagem
Não buscaram ajuda profissional	68%

Buscaram ajuda profissional	32%
-----------------------------	-----

No que diz respeito à procura de ajuda para resolução dos conflitos, os resultados mostraram que 32% dos entrevistados buscaram ajuda profissional durante o período de isolamento, incluídas, aqui, diferentes áreas de atuação (especialidades nas áreas médicas e psicológica). Esse resultado condiz com o grande aumento da demanda de terapia individual, conjugal e familiar nos últimos meses no Brasil, em clínicas institucionais e privadas.

## VI- ANÁLISE E DISCUSSÃO

Diante dos resultados, percebemos que a maioria das causas geradoras de conflitos familiares e conjugais não está diretamente associada ao contexto da pandemia. Com exceção do medo, ligado à angústia de morte, como sentimento predominante e da hiperconvivência, desencadeada pela nova realidade imposta pela pandemia nas relações familiares, os conflitos relacionados à falta de comunicação, ao distanciamento afetivo, à irritabilidade, à sobrecarga em um dos membros da família e à crise financeira sempre foram questões presentes nas queixas e demandas que mobilizam a busca da psicoterapia de casal e família.

Em outras palavras, podemos dizer que a imposição da hiperconvivência, em função do consequente isolamento necessário pela pandemia, resultou em uma nova dinâmica conjugal e familiar, em que a adaptação à realidade se fez presente para todos os membros envolvidos. Essa convivência contínua expôs, com clareza, as dificuldades na comunicação, que sempre foram motivos de consulta e de conflitos, tanto na dinâmica familiar como, dos casais. Paralelamente a isso, o sentimento de medo relatado e o aumento da demanda por ajuda profissional são outros fatores observados, e que podem ser analisados conjuntamente como inéditos e estritamente relacionados ao atual contexto.

Simultaneamente, os demais itens identificados neste estudo apontam para a intensificação de conflitos, em geral, pré-existentes nas relações intersubjetivas, sejam elas conjugais ou familiares. É importante ressaltarmos, além desses aspectos, que é por meio da possibilidade do adoecer que muitas pessoas se deparam pela primeira vez na vida com uma das questões mais angustiantes da existência humana: a finitude, geralmente só falada e pensada na fantasia ou, então, colocada no futuro, no envelhecimento, no outro, mas quase nunca em nós mesmos.

É evidente que, no contexto da pandemia, a constante ameaça do adoecimento e da possibilidade da morte é um fenômeno capaz de atingir o casal e a família como um todo, romper o equilíbrio e causar importante instabilidade no grupo, em cada um de seus membros ou na relação entre eles. Cabe-nos ainda ressaltar que, a esse cenário, somam-se sentimentos de desamparo pela “natureza intolerável de se experimentar alguma coisa que não se sabe quando termina” (Winnicott, 1963/1993, p. 327), atingindo casal ou o grupo familiar, como uma crise ameaçadora.

Outro ponto de grande relevância, levantado nos dados coletados, é o da procura, por muitas famílias, de ajuda de profissionais da saúde, entre eles, médicos e psicólogos. O

reconhecimento do mal-estar, do sofrimento e consequente aumento de ansiedades e de angústias foram os precursores da busca por auxílio. A necessidade de um espaço de escuta, de acolhimento e de apoio se faz imprescindível nesse contexto.

## VII-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A multiplicidade de perdas, decorrentes da pandemia do Covid-19, manifesta-se em vários níveis: financeira, de apoio prático e emocional, da rotina, dos papéis sociais e das atividades que estruturavam e equilibravam o cotidiano das famílias. Um acúmulo de adversidades que, somado às perdas por morte e aos processos de luto tão complexos, acabaram minando a capacidade de resiliência dos indivíduos e do grupo familiar.

Ainda é cedo para avaliarmos os efeitos emocionais em longo prazo, mas não há dúvidas de que a pandemia, vista aqui como uma crise, trouxe sofrimento e abalou a harmonia dos lares brasileiros, tornando algumas relações insustentáveis. Por outro lado, não podemos negar que muitos casais e famílias conseguiram atravessar em conjunto esta crise, transformando a situação em oportunidade para reconstruírem suas relações e seus vínculos.

É dado como fato que ninguém sairá isento desse contexto. Muitas foram as perdas, mas também ganhos ocorreram com esta experiência sem precedentes. Algumas vivências foram mais significativas e mais desestruturantes, outras, menos intensas e menos invasivas. Mas, com certeza, o sofrimento foi e tem sido inevitável e globalizado. É nesse contexto que consideramos importante que a psicanálise de casal e de família, a partir da narrativa do sofrimento vivido pelos indivíduos e seus grupos familiares, possa ser um espaço de reflexão e de elaboração desse momento, propiciando, assim, novas formas e dinâmicas vinculares entre todos.

A partir do conjunto destas considerações, concluímos que o trabalho clínico realizado com casais e famílias, diante da vivência de situações mobilizadoras de crise, pode ser compreendido como uma modalidade de atendimento capaz de favorecer a construção de um alicerce mais sólido, diante da fragilidade, da insegurança e das angústias a que todos foram lançados. Além disso, é um trabalho que pode auxiliar a (re)estruturação do grupo familiar, visando a uma nova organização e ao favorecimento de melhores recursos psíquicos para lidar com a situação, em meio a tantas incertezas que foram geradas com a pandemia de Covid-19.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORREA, O.B.R.- « *Crises e Travessias – Nas diversas etapas da vida do casal e do grupo familiar* ». Petrópolis: KBR Editora Digital LTDA, 2013.
- FREUD, S. (1929). « O mal-estar da civilização ». In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KAËS, R. (1976). « *O aparelho psíquico grupal* ». São Paulo: Ideias & Letras, 2017.
- KAËS, R. « *O grupo e o sujeito do grupo* ». São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- MEYER, L. « Trauma familiar e crise ». In: *Jornal psicanálise*, vol.40, n.42. São Paulo, 2007.
- MOFFATT, A. « *Terapia de Crise – Teoria Temporal do Psiquismo* ». São Paulo, Cortez Livraria, 1987.

- RIORDA, M. & BENTOLILA, S. « *Cualquiera tiene un plan, hasta que te pegan en la cara-Aprender de las Crisis* ». Buenos Aires: Paidós, 2021.
- WINNICOTT, D.W. (1965). « *A família e o desenvolvimento individual* » .4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2011.
- WINNICOTT, D.W. (1963). « *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* ». Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1993.